

A Iminência da Morte e o Desfrutar da Vida na Poesia e no *Ethos* Greco-Romano

Prof. Dr. Aldo Dinucci

Depto. de Filosofia – Univ. Fed. de Sergipe

RESUMO: O artigo apresenta e comenta uma seleção de poemas gregos e romanos, que têm como tema principal o *ethos* antigo que se caracterizava pela valorização da vida e pela urgência de vivê-la plenamente através do prazer, dada a iminência da morte que, segundo essa cosmovisão, nada nos reserva senão uma subsistência espectral e sombria.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura clássica. Ética. Vida e morte.

ABSTRACT: This paper presents a selection (with comments) of greek and roman poems, which have as main theme the ancient *ethos* that is marked by the valorization of life and the urgency of living it in full through pleasure, in reason of the imminence of death which, according to this cosmovision, nothing is set aside for us but a shady and obscure existence.

KEYWORDS: Classical Literature. Ethics. Life and death.

Introdução

Numa cosmovisão como a greco-romana, na qual a vida sobre a terra era vista como o momento oportuno para a realização do homem em suas múltiplas dimensões, nada sendo a existência após a morte senão uma subsistência sombria e fantasmagórica, a vida sensível e sensual era valorizada ao máximo. Assim, os poetas cantaram ao longo dos séculos da Antigüidade o *dever* do homem de *desfrutar* o momento. Esse *desfrutar* não era visto como algo acessório ou contrário aos costumes, mas como algo urgente, cujo adiamento era sinônimo de tolice e insensatez. Para os antigos, era preciso colher o momento, a oportunidade, sem se deixar levar por preocupações quanto ao futuro ou ao passado que fizessem perder o fruto da hora, tendo sempre em vista a iminência do aniquilamento que a morte traz a todos os mortais.

Anacreonte e a fruição do momento presente

Segundo a tradição, o primeiro poeta a proclamar essa urgência de viver plenamente o que há de prazeroso na vida foi Anacreonte. Natural da cidade jônica de Teos, na Ásia Menor, Anacreonte teve de abandonar sua cidade quando ela foi invadida pelos persas. A partir da tirania de Hípias (527-510 a.C.), o poeta passou a viver em Atenas e parece ter visitado a Tessália. Segundo Pausâniasⁱ, os atenienses lhe ergueram uma estátua na Acrópole. Sua poesia é quase por completo dedicada ao tema dos banquetes e dos amores.

Como se sabe, os banquetes eram uma instituição fundamental para os atenienses, o momento máximo de sociabilidade, onde os homens desfrutavam as boas conversas, os bons vinhos, as boas comidas, sem esquecer da companhia das *hetaíras*ⁱⁱ e dos belos rapazes. Os *Banquetes* de Platão e Xenofonte são um testemunho contundente disso.

O poema que apresento a seguir, na minha tradução a partir do grego clássico, trata justamente desse abandonar-se em meio ao banquete com o auxílio do vinho, esquecendo as questões superficiais do dia-a-dia. O poeta proclama: Não me importa quem detenha o poder, não me importam as riquezas: cuido agora de desfrutar o presente, perfumando a barba, coroando com flores a cabeça. Que o amanhã venha por si mesmo e não faça esquecer de viver o presente: é tolice temer ou se preocupar com o futuro, pois ele é desconhecido, e assim permanecerá até se transformar em presente também. Preocupar-se com o futuro é jogar a vida (o presente) fora. É preciso, portanto, deixá-lo de lado e concentrar-se no agora:

A mim não importa a riqueza de Giges,
Senhor de Sardi,
Nem me cativa o ouro,
Nem louvo os tiranos.
A mim importa em bálsamos
Embeber a barba,
A mim importa com rosas
Coroar a fronte.
O dia de hoje me importa,
Pois quem conhece o amanhã?
(Anacreonte (séc. 6 a.C.), *Antologia Palatina*, xi, 47ⁱⁱⁱ)

Tal temática anacreônica foi retomada sem cessar pelos poetas gregos através da Antigüidade em razão da onipresença dessa *ethos* na cultura antiga. Os epigramas seguintes, traduzidos por mim a partir do texto grego, são alguns entre inúmeros textos clássicos que retratam essa cosmovisão. Selecionei-os a partir da *Antologia Palatina*, gigantesca compilação de epigramas realizada pelo bizantino Constantino Cefalas (séc. 10 d.C.), compreendendo poemas (3700 ao todo, escritos em grego clássico) compostos entre 7 a.C. e 6 d.C. tanto por poetas gregos quanto por poetas romanos. No século 12 d.C., o também bizantino Máximo Planudes revisou o trabalho de Cefalas, produzindo a compilação que chegou até nós, recebendo o nome de *Antologia Palatina* porque o único manuscrito remanescente se encontra na Biblioteca Palatina, localizada na cidade de Heidelberg na Alemanha.

Os epigramas por mim selecionados tratam da mesma temática: a morte é iminente e nada há de desejável após ela; o prazer que se desfruta no presente é o supra-sumo da vida; é loucura abrir mão do agora em nome de inúteis preocupações e vãs esperanças; deve-se pôr de lado tudo isso para se abrir para o agora e viver plenamente. Vislumbram-se aí três asserções que se concatenam para perfazer tal ideário: (a) a afirmação da iminência da morte e do caráter mortal de tudo o que é humano, (b) a partir disso, a afirmação de que é preciso aproveitar ao máximo o presente e (c) a afirmação de que, para assim desfrutar o agora, é preciso deixar para trás as preocupações e expectativas em relação ao presente e ao futuro.

A afirmação da iminência da morte e do caráter mortal das coisas humanas

Os dois primeiros epigramas que apresento a seguir tratam da afirmação da iminência da morte e do caráter mortal de tudo o que é humano. O primeiro, de Luciano, tem um caráter aforismático e se refere à condição efêmera tanto das coisas humanas quanto dos próprios homens. A primeira parte do primeiro verso é uma fórmula mnemônica que se perde na tradução, mas que pode ser percebida, na transcrição, mesmo pelos que desconhecem o grego clássico: *Thnetá tá tón thnetón* (traduzindo literalmente: “Mortais as dos mortais”): “Mortais são as coisas dos mortais, e todas as coisas passam/ E, se não passam, nós passamos”. (Luciano (séc. 2 d.C.), *Antologia Palatina*, x, 31)

O próximo, de Amiano, fala da morte que, por diferentes meios, conduz todos os homens ao mesmo fim. A morte é dita purpúrea, pois, no Império Romano, sob o qual o epigrama foi escrito, tal cor era associada ao vestuário dos poderosos. Havia então a *toga praetexta*, que tinha uma faixa púrpura e que era usada tanto por jovens que não tinham tomado a *toga virilis* ou que não eram casados quanto por magistrados e sacerdotes; usava-se também a *toga picta* ou *purpurea*, primeiro pelos triunfadores e mais tarde pelos imperadores, e a *toga trabea* que, vestida por sacerdotes em cerimônias religiosas e por deuses nas representações artísticas, era algumas vezes toda em púrpura e outras vezes ornamentada com listras horizontais dessa mesma cor. A morte é dita purpúrea, portanto, em razão de seu caráter dominador— ela impera inexoravelmente sobre todos os mortais, remetendo-os todos ao mesmo fim, embora por diferentes vias:

Aurora após aurora se sucede, e então, estando nós descuidados,
Subitamente nos chega a Sombria e Purpúrea Morte,
Que, fazendo derreter-se um, grelhando outro, e inflando outro ainda,
a todos conduz a [um só abismo]. (Amiano (2 d.C.), *Antologia Palatina*, xi, 13)

A afirmação de que é preciso aproveitar ao máximo o presente

Os epigramas seguintes afirmam a necessidade de aproveitar o momento em virtude da iminência da morte e do caráter efêmero de tudo o que é humano. O primeiro, de Zona, tem em plenitude o caráter sintético próprio da epigramática^{iv}: sabedor de que logo se estará sob a terra, terra da qual nasceu, o poeta pede pela taça igualmente feita de terra (argila) para beber o vinho e desfrutar o presente: “Dá-me a doce taça forjada da terra / Terra da qual nasci, e sob a qual, quando morto, estarei inerte”. (Zona (séc. 1 a.C.), *Antologia Palatina*, xi, 43)

O próximo epigrama descreve um mosaico no qual se vêem representados uma jarra, um pão, uma guirlanda de flores e um crânio. A mensagem é clara: ciente da iminência da morte, indicada pelo crânio, deve-se tomar o que o presente oferece, simbolizado pela jarra, representando o vinho que é sorvido nos banquetes, o pão, representando a refeição dos banquetes, e a guirlanda, o próprio banquete (os gregos usavam guirlandas de flores tais durante tais ocasiões):

Essa é a prazerosa armadura dos pobres: o pão, a jarra <de vinho>
E a guirlanda de frágeis flores,
E este o sagrado osso, subúrbios de um cérebro que
Se extinguiu, a mais extrema cidadela da alma.
“Bebe”, diz a inscrição, “e come e cerca-te de flores
À tua volta, pois subitamente nos tornamos isso”.
(Polemon Rei do Ponto (séc. 2 d.C.), *Antologia Palatina*, xi, 38)

No epigrama abaixo, o poeta conchama seu amigo a aproveitar ao máximo sua participação em um banquete junto aos jovens. Que as guirlandas cubram agora suas cabeças, pois logo elas cobrirão seus túmulos. Que bebam e desfrutem agora, e que Deucalião cubra seus ossos quando morrerem. Esse Deucalião é, segundo a mitologia greco-romana, filho de Prometeu e Climene. Deucalião e sua mulher, Pirra, seriam os únicos sobreviventes da estirpe humana após o dilúvio promovido por Zeus que, consternado com a maldade dos homens, decidira destruir a humanidade. O casal, entrando em um templo após a inundação, recebera o seguinte oráculo: “Saí do templo com a cabeça descoberta e atirai para trás os ossos de tua mãe”. Deucalião interpretou o dito considerando a mãe como sendo a terra, e seus ossos, as pedras. O casal, então,

pôs-se a atirar por sobre os ombros pedras que logo teriam tomado a forma humana, repovoando a terra^v. No poema, a referência a Deucalião significa desconsiderar por completo o que quer que venha após a morte e concentrar-se firmemente no presente: que os outros se encarreguem deles quando estiverem mortos, aí já não terão mais problemas ou obrigações. A morte deve ser-lhes indiferente para que possam viver plenamente o presente:

Bebe e ama agora, Damocrates, pois não para sempre
Beberemos, e nem sempre estaremos junto aos jovens.
Que cubramos as cabeças com guirlandas de flores e que nos
perfumemos
Antes que outros levem tais coisas aos nossos túmulos.
Agora, que eu pressione em mim o vinho fermentado até encher ossos.
Que Deocálion os cubra quando estiverem mortos.
(Strato (viveu sob Adriano), *Antologia Palatina*, xi, 19)

A afirmação de que é preciso pôr de lado preocupações e expectativas

Destacamos a seguir alguns epigramas que tratam da necessidade de suprimir as preocupações e expectativas para se viver de modo pleno. No primeiro deles, o poeta Argentário adverte que o desejo de ser imortal associa-se a um afastamento da vida sensível e sensual; esse afastamento, argumenta o poeta, não faz sentido, pois mesmo os mais virtuosos entre os homens (representados aqui por Zenão de Citium e Cleanto, respectivamente o fundador do estoicismo e seu discípulo dileto) morreram e, como os demais homens, desapareceram:

Morto e enterrado, cinco pés de terra te cobrirão, e não verás nem as
alegrias
Da vida nem os raios do Sol:
De modo que, tomando o vinho sem mistura, puxa para ti a taça tendo
motivo [para alegrar-te],
envolvendo em teus braços tua belíssima mulher.
Mas se o desejo de ser imortal te engana, sabe que
[Também] Cleanto e Zenão se foram para o profundo Hades.
(Argentário (2 d.C.), *Antologia Palatina*, xi, 28)

No epigrama seguinte, o poeta Apolônidos adverte seu amigo quanto ao sono, para que ele não se contente em sonhar tendo diante de si a realidade: que ele desperte e se lance ao banquete e à vida:

Dormes, amigo, mas a taça te chama,
Acorda, não te satisfaças com a fatal inquietação,
Não desperdices o tempo, Deodoro, mas, deslizando ávido para Baco,
Bebe o vinho forte até cair ao chão de joelhos.
Haverá tempo, muito muito tempo, em que não beberemos mais.
Mas vai, apressa-te:
A prudência <já> ilumina nossas têmporas.
(Apolônidos (séc. 1 d.C.), *Antologia Palatina*, xi, 25)

No próximo epigrama, de Paladas, um ancião não se importa por não ser mais atraente para as mulheres ou por ter os cabelos brancos, mas permite a si mesmo usufruir o banquete, esquecendo-se das dificuldades de sua condição e aproveitando o melhor que a vida tem a lhe oferecer:

As mulheres debocham de mim, <chamando-me de> velho, dizendo
Ver no espelho meu tempo restante de vida.
Mas, caminhando ao fim de minha pobre existência, não me importo
Se tenho cabelos brancos ou negros.
Suprimo as graves preocupações com bálsamos odoríferos
E com guirlandas de flores.
(Paladas de Alexandria (séc 5 d.C.), *Antologia Palatina*, xi, 54)

No poema seguinte, o poeta consola o amigo quanto às dores do amor: é preciso que compreenda, em primeiro lugar, que esse tipo de sofrimento é próprio da condição humana. Que ele esqueça essas dores e se aproprie de seu momento antes da aniquilação final da morte:

Bebe, Asclepiádes, por que as lágrimas? Por que sofres?
Não somente a ti a malévola Cípris tomou como cativo,
Nem por ti somente o cruel Eros afixou o arco
E as flechas. Por que, em vida, te colocas entre as cinzas?
Que bebamos a pura bebida de Baco: um dedo é a duração do dia;
Ou, em vez disto, esperaremos ver a lamparina que nos põe para
dormir?
Que bebamos, amante insano: seguramente,
Ó desafortunado, em breve dormiremos a longa noite.
(Asclepiádes de Samos (séc. 3 a.C.), *Antologia Palatina*, xii, 50)

A seguir, Paladas toca em outra questão: mesmo o tempo no qual lamentamos a brevidade da vida é tempo perdido. A ciência de nosso caráter efêmero deve nos direcionar diretamente para a vida e para a ação e não para a melancolia:

Ó brevidade do prazer da vida.
Deploramos a rapidez do tempo
Sofrendo ou experimentando volúpias: mas o tempo corre,
Corre sobre nós, infelizes mortais,
Trazendo o fim para a vida de cada um.
(Paladas de Alexandria (séc 5 d.C.), *Antologia Palatina*, x, 81)

Os dois últimos epigramas que selecionei da *Antologia Palatina* têm como tema a sabedoria de Sardanapalo, rei mítico da Assíria. Este Sardanapalo, que o poeta anônimo personifica e dá voz, nada teria levado da vida senão o quanto desfrutou dela, enquanto seus bens e suas riquezas foram deixados para trás, nada mais significando para ele. Faz-se assim uma advertência para aqueles que valorizam em demasia a conquista de bens, pois a busca por eles também é um modo de ocupar-se negativamente, deixando escapar o tempo precioso de vida que poderia ser usufruído na vida social e no usufruto dos prazeres:

Bem sabendo que mortal nasceste, engrandece a tua vida
Deleitando-te em abundância: quando estiveres morto, nenhum
contentamento [haverá].
Com efeito, hoje sou cinzas, tendo sido rei da grande Ninós.
Sou o quanto comi e insultei e o quanto conheci da sedução,
Através de *Eros*: mas as muitas posses e riquezas, estas foram
deixadas para [trás].
Tal sabedoria de vida é um conselho para os homens.
(Anônimo (data incerta), *Antologia Palatina*, xvi, 27)

Possuo o tanto quanto comi e bebi e os prazeres que conheci

Com os amores. Quanto aos muitos e afortunados bens, todos foram deixados [para trás. (Anônimo (data incerta), Antologia Palatina, vii, 325)

A síntese desse modo de pensar na Poesia de Horácio

Cumpra ainda apresentar aqui a célebre ode de Horácio (em minha tradução do latim), poeta que sintetizou o *ethos* em questão em duas palavras: *Carpe diem!* — Colhe o momento ou a hora, aproveita a ocasião que escapa. O poema, que resume todo o ideário que analisamos até aqui, se inicia com o poeta urgindo Leucooé a não consultar a astrologia (literalmente “os números babilônicos”) nem tampouco se preocupar com o destino que os deuses reservam a ela e aos demais mortais. Melhor que ela sofra com o que vier quando vier que padecer por antecipação e preocupação, desperdiçando a ocasião. O futuro não deve ser objeto de preocupação; sensato ou sábio é aquele que desfruta o presente e toma partido daquilo que ele tem a oferecer. Mesmo quando se fala sobre isso o tempo veloz escapa. É preciso aproveitar o momento fugaz (*Carpe diem*) sem esperar absolutamente nada do futuro:

Que tu não indagues –saber ilícito—que fim para mim que fim
Para ti os deuses tenham dado, ó Leucooé, nem os números
babilônicos
Consultes. Quão melhor sofrer o que quer que venha a acontecer,
Quer Júpiter nos tenha concedido muitos invernos, quer <seja este> o
último,
O qual agora enfraquece, nos rochedos expostos, o mar
Dos Tirrenos . Que sejas sensata, que firtres o vinho e, com o breve
momento,
Suprimas a distante esperança. Enquanto falamos, o cruel tempo de
vida <nos> escapa: Aproveita o dia de hoje, confiando o mínimo
possível no futuro. (Horácio, Odes, I, XI)

Conclusão

Uma última palavra quanto ao *ethos* clássico em questão: em sua época ele não era um modo de transgredir os ditames morais da sociedade de então ou sua religiosidade. Muito pelo contrário, a doutrina do usufruto da ocasião se funda na própria visão que os antigos tinham do mundo. Nessa cosmovisão, a principal diferença que há entre o humano e o divino é o caráter mortal. Não sendo os homens imortais, pois a imortalidade é exclusiva dos deuses, cabe-lhes o dever de desfrutar a vida enquanto ela se dá. Não o fazer é como deixar de ir a uma magnífica festa para a qual se foi convidado, é desdenhar as dádivas dos deuses, que deram aos homens a vida e tudo o mais de belo e agradável que há sobre a terra. Constitui-se assim, portanto, para a mentalidade clássica e helenística, por mais estranho que nos possa parecer, o usufruto da vida no que ela tem de prazeroso e belo tanto um dever quanto um exercício de piedade.

Referências Bibliográficas

ANACREONTE. Anacreonteia. Tradução de David Campbell. Harvard: Loeb, 2001.
HORÁCIO. Odes and Epodes. Tradução de C. E. Bennett. Harvard: Loeb, 1999.
OVÍDIO. Metamorfoses. Tradução de David Jardim Júnior. São Paulo: Tecnoprint, 1983.

- PATON W.R. The Greek Anthology, vol. II. Harvard: Loeb, 2000.
PATON W.R. The Greek Anthology, vol. V. Harvard: Loeb, 1995.
PATON W.R. The Greek Anthology, vol. VI. Harvard: Loeb, 1991.
PAUSANIAS. Guide to Greece (I.25). Volume 1: Central Greece. Tradução de Peter Levi. Londres: Penguin, 1979.
-

Notas

ⁱ Pausânias, *Guide to Greece* (I.25), p. 70

ⁱⁱ As *hetairas* eram sofisticadas cortesãs. Geralmente de origem não grega, eram exímias na dança e na música e, ao contrário das demais mulheres, recebiam educação em literatura e história e participavam dos banquetes com os homens.

ⁱⁱⁱ Apresento aqui o poema tal como ocorre na *Antologia Palatina*. Na *Anacreontea* (8, p. 170) há uma versão desse poema com mais versos.

^{iv} A palavra grega *epigramma* é composta por *epi* (sobre) e *gramma* (letra, texto escrito, inscrição). Significa literalmente “texto escrito sobre”. Quando, por exemplo, escrevemos num pacote a ser entregue um recado ao destinatário estamos escrevendo, mesmo sem pretensões literárias, um “epigrama”, pois grafamos um *texto sobre* o pacote. Logicamente, temos aí de ser sucintos e objetivos. Na arte grega e romana da epigramática esta é uma das regras primeiras, qual seja: dizer o que tem de ser dito de modo sintético.

^v Cf. Ovídio, *Metamorfoses*, p. 18-21.

(recebido para publicação em 04-08-08; aceito em 27-11-08)